

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHia



MUSEUMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1900

SUMMÁRIO

- O CALIX DE OURO DO MOSTEIRO DE ALCORAÇA: 97.
NECROPOLE LUSO-ROMANA NOS ARREDORES DE LAGOS: 102.
OBJECTOS ROMANOS ACHADOS EM CORUCHE: 104.
O CASTRO DE SAMIL E AS CAVERNAS DE S. LOURENÇO: 105.
A MESA DOS LADRÕES EM VALLE D'OVOS: 107.
ANTIGUIDADES ROMANAS EM EVORA: 110.
S. JUSENDA: 114.
NOTÍCIAS ARCHEOLOGICAS DO SEculo XVIII: 115.
MEDALHA COMMEMORATIVA DO 4.º CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO
DO BRASIL: 120.
ARCHEOLOGIA DO CONCELHO DA FIGUEIRA: 122.
CONGRESSO DE HISTORIA DAS RELIGIÕES: 123.

Este fascículo vae illustrado com 15 estampas.



O ARCHEOLOGO PORTUGUES

COLLEÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAIS E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1899-1900

N.º 4

O calix de ouro do mosteiro de Alcobaça

(Continuação)

A canonização de Santo André Avellino foi celebrada em Lisboa pelos clérigos regulares theatinos ou *cactanos*, a cuja ordem pertencera, com um solemnisimo oitavario, de 29 de Julho a 5 de Agosto de 1713. Em harmonia com o gosto do tempo e as tendencias academicas e eruditas da congregação, entenderam aquelles religiosos completar as suas manifestações de applauso, fazendo preceder nesse anno a festa do novo santo (a 10 de Novembro) de um certamen litterario, que durou dois dias, e em que foram juizes o conde da Ericeira (D. Francisco Xavier de Menezes) e os marquezes de Fronteira e Alegrete¹.

Um dos assuntos designados era a interpretação de umas letras esmaltadas no calix de ouro do mosteiro de Alcobaça, as quaes o padre

¹ O programma está impresso: — *Certame sacro em obsequio de Santo André Avellino, clérigo regular, canonizado aos 22 de Mayo de 1712*. — Lisboa, na Officina Real Deslandesiana; 1713; fl. de 8 pag. in-4.º

São interessantes, porque descrevem minuciosamente as decorações dos locais das festas, os seguintes folhetos de um *español matritense*: — *Noticia individual del sagrado culto, con que la devocion desta Corte de Lisboa celebró en un Octavario de solennes fiestas la canonizacion del gloriosissimo S. Andres Avellino, de los Clerigos Regulares Teatinos, en su Iglesia de nuestra Señora de la Divina Providencia, con la descripcion de su magnifico aulorno*. — Lisboa, Imprenta Real Deslandesiana; 1713; fl. de 32 pag. in-4.º

— *Breve noticia del certamen sacro-poetico con que previnieron los Clerigos Regulares Teatinos de la Divina Providencia de esta gran Corte de Lisboa el dia natalicio del gloriosissimo S. Andres Avellino en aplauso de su canonizacion*. — Lisboa, Imprenta de Miguel Manescal; 1714; fl. de 12 pag. in-4.º



D. Raphael Bluteau copiára, e se propunha decifrar. Além do erudito e benemerito autor do *Vocabulário Portuguez e Latino*, entrou na lide o padre D. Manoel Caetano de Sousa, director da Academia Real da Historia.

A dissertação de Bluteau está impressa nas suas *Prozas Portuguezas, recitadas em diferentes Congressos Academicos*¹, e intitula-se: — «*Proza enigmatica, interpretativa. Dissertação litteraria, cabalistica, e moral, sobre o sentido de cento e trinta e sete letras, esmaltadas na circumferencia do pé, e garganta de hum antiquissimo Caliz de ouro do Real Mosteiro de Alcobaga. Recitada em Lisboa, na Casa dos Clerigos Regulares, estando presente El Rey de Portugal, que Deos guarde, Dom João quinto, em occasião de hum Certamen Sacro-Poetico, celebrado na dita Casa, no dia 19^o, de Novembro de 1713. em applauso da canonização de Santo André Avellino, Clerigo Regular*».

Bluteau interpreta assim as mysteriosas letras do calix:

«*Hic est calix sanguinis mei,
Novi et aeterni testamenti,
Qui pro vobis et pro multis
Effundetur.*»

*Joachim Kludphik fedi, Boldck,
A. Dom. Mil. C. LXXXVII.*

Não entram nestas palavras as 137 letras que figuravam no programma do certamen. Bluteau opina que as restantes não tem sentido, havendo sido introduzidas na inscripção unicamente para difficultar a intelligencia das outras, em harmonia com os preceitos da steganographia. Quanto a umas letras de menor corpo, que não copiára, e que, depois de publicado o certamen, Fr. Manoel dos Santos, o autor da *Alcobaga illustrada*, descobrira, e notificára, como veremos, a D. Manoel Caetano de Sousa, — julga Bluteau formarem sentido independente, não se considerando, além d'isso, obrigado a explicá-las por não fazer menção d'ellas o programma.

Kludphik, o supposto ourives, seria flamengo ou allemão.

Em seguida², publica Bluteau outra explicação das letras, que declara ter-lhe sido enviada por um curioso *anonymo*. Este imaginoso

¹ Parte 1, pag. 363 seq.

² Allás, 9.

³ A pag. 391 seq.

decifrador, tomando cada letra como inicial de uma palavra, interpreta d'este modo as da base do calix:

«1190. Kalendas Octobris initium domus Alcobacia 1191. factus fuit hic Calix ex fundo Domini Regis Alphonsi Beate Marie Virginis Ordinis Cisterciensis posita in Gallia in Diocesi Lingoniensi verè Patrona nostra, & Regni nostri libera illud Sarroacenorum; & erat vir Abbas Bernardus iussit illam habere in servitium B. M. semper Virginis, & in obsequium Regis, qui dedit per tributum quinquaginta morabitinos, tunc Gallie, unum nostro Monasterio, sub tutela talis Virginis novè erecti brachio suo, tale tributum, tale fundum, illi applicatum, ut laudemus talem Virginem, & oremus per illum instantes vigilis, & orationibus: vivat in eternum. Hoc habet hic Calix».

As do nó são assim explicadas:

«Hieronymus Joachin Operator Domini Regis fecit Calicem hunc Kalendas Octobris ex jussu Bernardi Abbatis Gubernatoris Monasterii Alcobacia novè erecti invocationis Sancte Marie Virginis verè initiati nostro tempore».

Esta memoria não foi, segundo parece, lida no certamen, porque não se refere a ella, na sua descripção d'essa festa academico-religiosa, o alludido *español matritense*.

A de D. Manoel Caetano de Sousa não se imprimiu. Citam-na Barbosa Machado, na sua monumental *Bibliotheca Lusitana*¹, e o conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, no catalogo que publicou das obras do erudito theatino, sob o titulo de *Bibliotheca Sousaana*². Ahi, diz o conde:—«Achou-se depois a verdadeira explicação d'estas letras, que, com o mais que se compoz sobre este assumpto, deve unir-se, quando se imprimir esta dissertação³.» O *español matritense*, autor dos folhetos que citei, dá a entender que havia ideia de publicar um livro do certamen, em que a memoria de D. Manoel Caetano de Sousa sem dúbida entraria. O proprio autor, numa das cartas que constituem a parte principal d'este trabalho, allude ao pensamento de a imprimir. Nem isoladamente, porém, nem com as outras composições premiadas, nem em vida do autor nem depois da sua morte, se publicou a memoria de Sousa. Não se perdeu, todavia. Existem d'ella dois exem-

¹ Tomo III, pag. 207.

² Pag. 71.

³ Ignoro a que tentativa de interpretação se refere D. Francisco Xavier de Menezes. A de Fr. Manoel de Figueiredo, a que já alludi, e de que adeante dou noticia, não podem evidentemente applicar-se as palavras do illustre academico, porque a *Bibliotheca Sousaana* foi impressa em 1737, e o trabalho do cronista cisterciense tem a data de 1767.

plares, junto das cartas a que me tenho referido, e d'outros documentos relativos ao calix. Um dos exemplares é apurado, sem emendas, e foi, porventura, o lido no certamen; o outro tem algumas correções e grande numero de notas á margem, parecendo ter servido de original ao primeiro, e, depois, de esboço do trabalho que D. Manoel Caetano de Sousa tentava dar á estampa, e cujo plano communica a Fr. Manoel dos Santos numa das cartas adeante impressas.

Fundando-se não só no chronicon exarado no volume 202 da *livraria velha* de Alcobça, mas tambem no genero dos esmaltes e na fórma dos caracteres da legenda, Sousa attribue o calix a D. Manoel, que o teria mandado fazer em 1505 ou 1506, do primeiro ouro das pareas de Quiloa, como a celebre custodia de Gil Vicente, e o haveria offerecido ao mosteiro em 1520, quando ali levou seu filho, o cardeal D. Affonso. Quanto ás lettras, suppõe formarem seis versos latinos e a seguinte dedicatória:

«Emanueli, Regi Regum, Emanuel, Lusitanie Rex, X.^o Imperii»;

ou:

«Emanueli, Regi Regum, Emanuel Lusitana, Regni XI.^o»;

ou, ainda:

«Eucharistico Regi, Emanuel I, Rex Lusitanie, Regni X.^o».

Os versos propostos são estes:

*«Mens, homo, diffusum carta sub nube memento
Hic vitium dixit karior illa tege
Ibis homo mihi fur, hinc castus lingē laudabit
Pax, lux, ignoto fugit homo, illa laput.
Hunc de se qui flet, poma quilibet Jesus
Dux fletū karis, sic homo de me tibi».*

Annos depois, — em 1767 —, occupava-se da enigmatica inscripção Fr. Manoel de Figueiredo, que, por ordem do abade geral de Alcobça, Fr. Nuno Leitão, compoz um trabalho em que refuta os pareceres de D. Raphael Bluteau e do curioso anonymo, considerando o calix dadiva do cardeal D. Affonso, e interpretando assim as lettras:

As 33 das columnas que dividem os baixos-relevos da copa:

*«Monasterium Alcobatie in omni tempore verendum, in omni tempore virtuosum,
in omni tempore unanimē, in omni tempore utile erit, quia laudat et laudabit, in vigiliis, in orationibus noctis, Jesum, Virginem, omnes sanctos. Amen».*

As 27 do nó:

«*Emmanuel, rex noster et gubernator hujus monasterii Alcobatien, invocationis Sanctæ Mariæ Virginis, ordinis divi Bernardi, tempore infantie Alphonsi infantis komendatarii, jussit facere hunc kalicem, quinto nonas octobris.*»

As 110 da base:

«*Era Domini Nostri M C XXXXIV, quarto nonas Maii, Dominus Alphonsus, Lusitania rex, fecit regnum suum feudatarium Beatæ Mariæ Virginis, oratorii Klaravalis, ordinis cisterciensis, fundati in Gallia, in diocesi Lingonensi, per virtuosum Bernardum abbatem, nam hæc Virgo istud et illum liberavit ab hostili potentia Saracenorum; et obtulit hoc feudum in urbe Lamecenæ, ubi erant multi procures Lusitaniæ nostræ congregati, ibi largiter vivit, in toto tempore existentie hujus monarchiæ Lusitaniæ, L morabílinos ipsi Beatæ Virginis, ibi sub tutela Domini Nostri posuit totum regnum suum, et ille sub tutela coronæ ipsius concepit tota bona Klaravalis, et generaliter aliorum omnium hujus ordinis, tunc existentia et in tempore venturo.*»

O trabalho de Fr. Manoel de Figueiredo encontra-se num dos volumes de pequenas composições e apontamentos seus, manuscritos, que se conservam na Bibliotheca Nacional¹, e intitula-se: — «*Reflexões historicas em as quaes se explicão as letras do calix precioso do Real Mosteiro de Alcobaga.....*»

Não são, porém, estas engenhosas tentativas de interpretação das letras do calix que nos interessam hoje. São as cartas a que, mais de uma vez, alludi já, e que, pouco depois do certamen dos theatinos em honra de Santo André Avellino, trocaram D. Manoel Caetano de Sousa e Fr. Manoel dos Santos, chronista-mór da ordem de Cister e autor da *Alcobaga illustrada*.

Essas cartas constituem, com outros documentos relativos ao calix, as folhas 10 a 46 do volume a que no inventario dos mss. da Bibliotheca Nacional de Lisboa conbe o n.º 189², e que se intitula «*Memorias da congregação de Alcobaga*», — não obstante conter peças referentes a outras corporações monasticas. Os documentos á cêrca do calix são os seguintes:

- a) Cartas de D. Manoel Caetano de Sousa a Fr. Manoel dos Santos e d'este áquelle (nove na totalidade, parecendo faltarem duas);
- b) Descripção do calix, por Fr. Manoel dos Santos;
- c) Certidões passadas em Alcobaga, a 5 de Outubro de 1713, pelo monge notario Fr. José de Mendonça, uma da exactidão da cópia das

¹ N.º 1485, no inventario dos mss., fl. 9 a 24. Marcação antiga: — E-3-14.

² Marcação antiga: — A-5-13.

letras do calix, outra de dois trechos que os leitores já conhecem:— a memoria relativa á morte e serviços do cardeal-infante D. Affonso, e a verba do inventario de 1536, com a respectiva cota marginal de Fr. Paulo Brandão;

d) Letras do calix:—duas transcripções, authenticadas por Fr. José de Mendonça, e cópia de uma d'ellas, feita por D. Manoel Caetano de Sousa, ou, pelo menos, com indicações do seu punho;

e) Transcripção das letras, disposta em circulos concentricos,— trabalho de D. Manoel Caetano de Sousa;

f) Folhas enviadas de Alcobaça, uma indicando a altura do calix, e outra a circumferencia da bôcca;

g) Dissertação de D. Manoel Caetano de Sousa, á cêrca da intelligencia das letras do calix, em duplicado, sendo um dos exemplares accrescentado, como já observei, com grande numero de notas á margem.

Publico sómente as cartas, a descripção do calix, as duas cópias das letras, authenticadas por Fr. José de Mendonça, e a reprodução que attribui a D. Manoel Caetano de Sousa.

As outras peças, ou são inúteis sob o ponto de vista da reconstituição mental do calix, ou ficam vantajosamente substituídas por esta introdução e pelas notas que acompanham as cartas.

(Continúa).

JOSÉ PESSANHA.

Necropole luso-romana nos arredores de Lagos

A cêrca de duzentos metros da cidade de Lagos, e junto á estrada real que conduz a Portimão, eleva-se o terreno, na extensão de alguns hectares, formando uma especie de achada com declive bastante doce para o mar e uma vista em extremo agradável, quer do lado do norte, onde as ondulações se seguem umas após outras, até irem terminar nas duas grandes montanhas da *Foia* e *Picota*, quer do sul, em que o oceano se estende em toda a sua grandeza e magnitude. No sítio chamado o *Molhão*, e em propriedade do Ex.^{ma} Sr. Cesar Landeiro, por occasião de uma plantação de vinha que este Sr. ali acaba de fazer, descobriu-se um verdadeiro cemiterio luso-romano, a julgar pelos artefactos encontrados.

Assistimos apenas á exploração de uma sepultura; affirmou-nos, porém, o mesmo Sr. que encontrára muitas outras identicas a esta.

As paredes eram formadas por *tegulas* collocadas verticalmente e em seguida umas ás outras; a pressão, porém, do terreno juntara-as

nas suas extremidades superiores. Cremos tambem que a cobertura seria constituida por *tegulas*, pois que algumas estavam juntas ás transversaes. A cabeceira e aos pés, um tanto inclinadas tambem pela pressão do terreno, havia de cada lado uma ainda em perfeito estado de conservação. A pobreza, porém, era extrema, pois que nada se encontrou, a não ser um cranio já bastante deteriorado e alguns fragmentos de ossos longos. A sua orientação era de norte a sul, e a profundidade era de 1 metro, pouco mais ou menos. Ao contrário d'esta, noutras recolheu o mesmo Sr. bastante mobiliario que conserva em seu poder; pena é que a maioria dos vasos estejam partidos, por falta de cuidado da parte dos trabalhadores.

Vimos bastantes *unguentarios* de vidro de fôrmas várias, predominando a de funil invertido. Da mesma proveniencia observámos dois vasos que, pela sua configuração, parecem ter servido de coadores: tem o bojo largo e um gargalo um tanto estreito; na junção d'este com aquelle ha uma placa horizontal do mesmo barro toda crivada de pequenos buracos. No mesmo local descobriram-se tambem um objecto de ferro, em tudo semelhante ao martello usado pelos nossos pedreiros, varios pregos ainda com pedaços de madeira adherentes, um utensilio mui parecido com a extremidade de uma lança, ainda que já muito oxidado, e uma pequenina argola de ouro, parece que destinada a trazer-se nas orelhas.



É fóra de dúvida, porém, que, além da *humatio*, ou enterramento propriamente dito, houve aqui tambem a *crematio*, ou incineração, como era usual entre os romanos, a quem a lei não impunha de preferencia este ou aquelle modo de sepultar os seus mortos, no dizer de Guhl e Koner (*Rome*, pag. 493), — porquanto encontraram-se aqui algumas *ollas* com cinzas e fragmentos de ossos. Tambem se nos afigura que os corpos não eram queimados num lugar a isso destinado, o *ustrinum*, mas sim no proprio local da sepultura, visto em diferentes sitios acharem-se porções de terra negra.

Uma especie de prato chato observámos nós, de barro muito vermelho e fino, como aliás o de outros vasos, no fundo do qual se vêem gravadas, dentro de uma circumferencia, algumas letras das quaes se destaca perfeitamente a preposição EX; era sem dúvida a marca

do olleiro; no reverso, porém, e a um dos lados, estão escritos com instrumento pontegudo (estilete, agulha, etc.), os seguintes caracteres: MAVRI. Seria o nome do defuncto, como aliás encontramos um espécimen identico em Rich (verbo *Olla*) e portanto o objecto em questão a tampa ou *operculum* de uma *olla*? Quer-nos bem parecer que sim. A respeito da epocha a que deve remontar a necropole de que nos occupamos dá-nos bastante luz uma moeda de prata, na mesma encontrada, a qual tem de um lado as letras MFAIC, uma quadriga com a Victoria e a coroa, e do outro Pallas com capacete, moeda esta igual á que vem citada pelo Sr. Aragão, no Catalogo do museu real, sob o n.º 207. Afigura-se-nos que a povoação a que pertencia esta necropole não ficava muito distante, pois que por aquelles contornos tem apparecido objectos romanos em grande quantidade.

JOSÉ JOAQUIM NUNES.

Objectos romanos achados em Coruche

2. Instrumentos campestres luso-romanos

Ao dar conta n-*O Arch. Port.*, III, 65, da valiosa e generosa offerta que o illustre titular o Sr. Visconde de Coruche se dignou fazer ao Museu Ethnologico, prometti publicar aqui as estampas dos objectos. Começo hoje a desempenhar-me da promessa.

Todas as figuras juntas representam os objectos em $\frac{1}{4}$ do tamanho natural. Os desenhos foram executados pelo Sr. Henrique Loureiro.

Não me parece sempre facil identificar os objectos com os nomes que conhecemos, transmittidos pela litteratura latina; em todo o caso digo o que me parece, e peço a outros que melhor conheçam o assunto o obsequio de me corrigirem onde eu errar.



Fig. 1



Fig. 2

O objecto representado na fig. 1 é uma machada ou machadinha, *securis*, com o olho para se firmar o cabo.

O objecto representado na fig. 2 é outra machada ou machadinha; mas o encabamento fazia-se de maneira differente: a haste entrava

perpendicularmente no cabo. Alguns dos machados de pedra prehistóricos eram encabados do mesmo modo.



Fig. 3



Fig. 4

O objecto representado na fig. 3 é também *securis*, mas talvez *dolabrata*.

O objecto representado na fig. 4 corresponde a uma pequena pica-reta: de um lado tem corte de machado, do outro lamina de sacho estreito.



Fig. 5

O objecto representado na fig. 5 corresponde a uma pica-reta de pá.

J. L. DE V.

O castro de Samil e as cavernas de S. Lourenço

A 3,5 kilometros a sudoeste de Bragança, num dos pontos mais dominantes da elevação comprehendida entre as linhas de agua affluentes margem da direita do Fervença, que formam os valles do Conde ou de Nogueira e o de Samil, e a cavalleiro d'esta povoação, vêem-se restos de um castro do typo de Maquieiros em Gondesende, de traçado circular de 400 metros proximamente de desenvolvimento, de que se conhecem ainda distinctamente vestigios de muralha de pedra solta que de onde em onde assentava em grandes fragas de rocha negra que conjunctamente com o fosso que a envolvia tornava esta posição uma das melhor defendidas. Contiguo e do lado sul nota-se um pequeno circuito limitado por fragas da mesma natureza, que faz suppôr, pela sua regular disposição, ter sido obra do homem e ter feito parte integrante d'esta estação archaica; e na vertente do poente, como que para lhe augmentar o seu valor defensivo, ha um prolongamento natural de 30 a 40 metros dos mesmos rochedos. Nello e em volta apparecem alguns pedaços de

cantaria lavrada, fragmentos de telha, de louça grosseira e de pedras polidas que é de presumir que fossem machados ou martellos.

Este é o local conhecido em Samil pelo *Castanheiro do Senhor*, por haver no fosso ao nascente um castanheiro da Confraria do SS. Sacramento, junto do qual é de tradição ter havido um amplo poço ou cisterna, assim como o é haver grutas ou cavernas por baixo de algumas d'aquellas fragas em que as mouras encantadas tecem em teares de ouro em noite de S. João; por isso que, affirmam, os mouros estiveram aqui e tem-se até achado argolas de ferro com que prendiam os cavallos. O sitio a que chamam o *Castro* fica a 100 metros a sul em que por mais attentas que se façam as investigações não se descobre indício algum á superficie que justifique este nome. Todavia nelle deparam-se-nos algumas fragas, como as já mencionadas, e numa d'ellas em que está hasteada uma pequena e singela cruz de madeira que marca o termo das ladainhas, encontra-se um cavado muito parecido ao rasto de um sapato que dizem ser a *pêgada da Senhora* que deixou ao passar por alli; e um pouco acima noutra percebem-se os desenhos de uma *pêgada* menor e o de uma folha que dá semelhanças á da figueira, que não são devidos á natureza e aos veios da rocha ou ao vento da pedra (como dizia o guia entendido no officio de pedreiro), mas á mão do homem¹.

O horizonte que d'este alto se contempla em todas as direcções é muitissimo vasto e attrahente, que torna pouco o muito tempo que gastamos em gozar tão variado e admiravel panorama. E depois o mysterio historico que o envolve como que nos prende a elle, custando-nos a abandoná-lo por nos haver proporcionado momentos tão deliciosos com a contemplação simultanea do presente e do passado. E d'este, além das suas recordações, existem bem perto outros que talvez tenham relação com ellas, como são a 1:000 metros para poente, já fóra da encosta, e quasi á beira da estrada de Macedo, a *fraga da selva*, que actualmente está quasi toda destruida e nada nos indica, mas pelo nome faz-nos desconfiar que tivesse sido um monumento prehistorico, um dolmen ou menhir; e 700 metros, adeante indo de Bragança, a Quinta do Pinhal ou de S. Lourenço em que este santo martyr teve culto, em tempos ainda não distantes, numa capella de que apenas restam a pia da agua benta e algumas cantarias lavradas mettidas nas paredes da casa da habitação e suas dependencias, e cuja imagem está na igreja

¹ Cfr. sobre este assunto J. Leite de Vasconcellos, nas *Tradições populares de Portugal*, § 209, e nas *Religiões da Lusitania*, I, 381, etc., onde cita factos analogos, portuguezes e estrangeiros.

do Loreto d'esta cidade. Pois este local tão desprotegido das bellezas naturaes, que chega mesmo a passar despercebido ao viandante, por não apresentar cousa que desperte a attenção, é hoje objecto do maior interesse archeologico pelos vestigios que nelle ha e pelas suas lendas e tradições. Deve ser curiosa e interessante a historia d'essas cavidades ou cavernas abertas em rocha branda que o acaso descobriu ha algumas semanas numa terra pegada á estrada pela parte de cima em frente das casas em que se encontraram pedras soltas de diversos tamanhos, carvão muito misturado com terra, fragmentos de tijolo, de louça grosseira e de ossos, que nos deixaram na incerteza ou se ascendem a uma só epocha ou a diferentes, por isso que a circumstancia de estes mesmos vestigios apparecerem tambem em certa area em volta, faz presumir que pertencem a um pequeno povoado que a tradição diz ter havido aqui. Agora acharam-se duas, mas julga-se que sejam mais, porque consta que ha annos, por identico motivo, se pôs a descoberto outra de maiores dimensões muito proximo d'estas. Communicam entre si por galerias muito estreitas que só permittiam entrar de rasto, e as suas partes mais largas tinham a fórma de um pequeno forno de pão em que mal se cabia de joelhos. Ao pôr a descoberto as entradas encontraram-se na remoção das terras pedaços de *pedras de raio*, nome porque são denominados os machados e os martellos do periodo neolithico. Ellas não são naturaes mas artificiaes, e a sua disposição e situação tornam ainda mais difficil de explicar o destino que tiveram estas cavidades neste lugar onde houve noutro tempo uma grande feira, se encontraram tantas cantarias lavradas, tantas ossadas em sepulturas tapadas proximo do sítio da capella, e onde, finalmente, conta a lenda, os christãos venceram em rija peleja os mouros que fugiram do Castello de Rebordões, cujas ruinas ficam a alguns kilometros de distancia envoltos nas dobras da serra de Nogueira.

Bragança, 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

A mesa dos ladrões em Valle d'Ovos

Pelos fins de Novembro, ou principios de Dezembro, de 1846, fazendo parte de uma columna volante, que saiu do Valle de Santarem, sob o commando do Sr. José Joaquim Januario Lapa, passámos por Valle d'Ovos, proximo a Chão de Maças. E digamos, de passagem, que os ovos e maçãs que alli ha, são pedras soltas de todos os tamanhos e feitios, algumas arvores enfezadas, e algum mato amarellado

e de palmo de altura: é o que se encontra numa extensão, aproximadamente, de 20 kilometros. Alguns soldados da columna volante, naturaes das terras alli proximas, mostraram-me a *Mesa dos Ladrões*.

Era uma grande lage, de fôrma irregular, com bastante espessura, sobreposta a uma outra pedra irregularissima na sua fôrma, parecendo, de longe, uma gigantesca mesa de columna. Algumas pedras tambem irregulares, em numero de tres ou quatro, caídas junto da gigantesca base, quasi semelhavam os pés que fazem não perder o equilibrio ás mesas de sala.

Não faltou, de entre os soldados, quem contasse uma lenda, mais ou menos terrível, allusiva áquella grande mole; o que ajudou bastante para se fazer a marcha até Ourem, aonde ganhou o titulo de visconde o commandante d'aquella força.

De entre as lendas, occorrem-me as seguintes:

1.^a—Chamava-se *Mesa dos Ladrões* áquella grande pedra, porque sobre ella as quadrilhas, que infestavam aquelles contornos, repartiam as prêsas; e ás vezes as divisões davam em resultado grandes rixas e mortes, e a isto se attribuia haverem-se encontrado alguns esqueletos humanos nas suas proximidades;

2.^a—Que em todas as noites de S. João se ouviam alli gemidos e gritos afflictivos; e desgraçado de todo aquelle que se aproximasse das onze á meia-noite, «porque levava a sua conta por em cheios»;

3.^a—Que sobre aquella banca o rei moiro de Ourem mandava amarrar a argolas de ferro as mulheres que lhe eram infieis, para serem devorados pelos abutres;

4.^a—Que alli eram degolados os christãos que não queriam renegar;

5.^a—Que alli (e foi esta a que mais agradou ao capitão Joaquim Pinheiro Chagas, que fazia parte da columna) um chefe de ladrões roubou e degolou, numa noite escurissima, uma familia inteira de lavradores, e que, pela manhã, quando se foi passar nova busca aos desgraçados, para serem enterrados, o chefe reconheceu os cadaveres de seu pae, mãe, irmãos, irmãs, cunhados, etc., e o da mulher que o tinha ajudado a criar; e que desde então a pedra tem manchas de sangue que os seculos não tem podido gastar. Que o chefe ficou de tal modo, que em roda da mesa sacrificou todo o bando que capitaneava, e deu uma tal cabeçada no centro da mesa que, abrindo-se uma cavidade, nella penetrou a cabeça, ficando presa, e elle na posição vertical com os pés para o ar, esperneando por muitos annos; até que, passando um bispo, que ia para Leiria, ou Coimbra, lhe levantou a excommunhão ou maldição do pae, e pôde mirrar-se o corpo que o tempo foi desfazendo. E como o facto se deu numa noite de

S. João, é por isso que a cabeça, que ainda está viva, sae do seu estojo todos os annos em cada uma d'essas noites, passeia pela mesa, dando gemidos e gritos, até que á meia-noite se recolhe.

Naquelle occasião, os meus 22 annos e alguns meses aconselharam-me a que promettesse a mim mesmo que, se escapasse ás balas da Sr.^a D. Maria da Fonte, na primeira noite de S. João em que eu pudesse, iria alli em romaria, para ver a cabeça passear, gemer, e até averiguar se ella me entendia.

Esta promessa chegou a esquecer-me, assim como a mesa; até que, em 1863, sendo tenente de caçadores n.^o 6, fui destacado para aquellas proximidades e me veio á memoria o que deixo dito. Fiz tenção de cumprir a promessa. Estavamos em Maio, não tinha muito que esperar.

Tres dias depois de chegar áquelles sitios, não tendo em que me occupar, informei-me do local da mesa.

Fui lá, com um trabalhador e uma escada. Subi á pedra, que era uma grande estratificação de calcareo branco com manchas amarellas e vermelhas de oxido de ferro, em que abunda a serra.

No maior comprimento media 5 metros, e 3 metros na maior largura. Parecia ter sido desbastada em algumas partes. Para um dos lados tinha dois ou tres buracos tapados com chumbo, saindo d'elles restos de espigas de ferro, bastante deterioradas pelo oxido, havendo a distancia de mais de metro de um a outro buraco.

Ao centro havia uma depressão cheia de terra que, mandada limpar, tinha o feitio de uma tigela com algumas fendas, partindo do centro em fórma de raios. A depressão tinha a profundidade de 0^m,10 a 0^m,15. A espessura da pedra em algumas partes era de 0^m,87, e a que lhe servia de base tinha de circumferencia uns 8 metros e de altura 4^m,5. Junto havia duas grandes pedras com umas cavidades irregulares, que diziam ser aonde o gigante firmou os pés para pôr a mesa sobre a base.

Antes do mês de Junho d'esse anno já o camartello civilizador tinha lançado por terra a mesa, base e *pés do gigante!*...

Quem, em que tempo, e como se levantou aquella immensa mole?

Os chumbadouros seriam, deveras, para se amarrar gente, ou teriam servido para se içar a pedra áquella altura?

Elvas, Agosto de 1884.—*Manuel José da Costa e Silva.*

Nota ao artigo precedente

O artigo precedente sahio publicado em folhetim d'*O Elvense*. O autor é já fallecido.—Foi o meu amigo Antonio Thomás Pires

quem teve a boa lembrança de m'o enviar, para ser reproduzido n-*O Archeologo Português*.

Da descripção parece concluir-se que a *Mesa dos Ladeões* é um dolmen. Como muitas outras vezes succedeu, a imaginação popular apoderou-se d'elle e revestiu-o de lendas e superstições; vid. factos semelhantes nas *Religiões da Lusitania*, I, 289.

A denominação de «Mesa» provém do aspecto geral do monumento. Muitas vezes emprega-se na linguagem dos archeologos portuguezes esta expressão para se designar a tampa ou cobertura do dolmen, mas tal expressão em portuguez é impropria (tradução do francês *table*).

A associação que aqui se nota do monumento com a festa do S. João e com os Mouros é commun a outros. A crença de que na pedra ficaram sempre manchas de sangue resultantes de um crime encontra-se tambem noutros pontos de Portugal.

J. L. DE V.

Antiguidades romanas em Evora

O arco de D. Isabel e um trecho da cêrca velha

A muralha romana marca-se ainda hoje com segurança na cidade de Evora. Uma collina de grande base, formada de granito e schisto, tendo a poente o pequeno ribeiro da Torrejela, a sul e nascente, em larga curva, o Xarrama, que vae desaguar ao Sado, foi escolhida pelos povos antigos para moradia; e os romanos na coroa da collina, ergueram a sua muralha.

Não se trata porém aqui de caso parecido com a Citania de Briteiros, ou com S. Romão de Ceia: montes de escarpas abruptas, defendidos por torrentes em valles fundos. Aqui o horizonte é largo, a collina tem brandos declives excepto pelo lado oriental, os ribeiros passam a distancia; mas, todavia, é certo, Evora está entre duas ribeiras, talvez, antigamente, de importancia defensiva, hoje por areadas, sem importancia militar; ribeiras quasi sem agua, que no inverno nos pégos dão pardelhas, e no resto do anno só tem coelhos.

Da muralha romana ha restos sufficientes para se lhe marcar rigorosamente todo o circuito; pelas Alarcovas de cima e de baixo, Salvador, e praça de Sertorio, arco de D. Isabel, muralha norte do templo romano, que é um grande trecho, palacio dos Bastos ou pateo de S. Miguel, ao angulo da rua do Collegio onde existiu a torre *mouchinaba*, e agora pela Freiria de baixo, ao largo da Misericordia e á pequena igreja de S. Vicente onde começa a Alarcova de baixo.

Em alguns pontos a construção romana, a grossa silharia, está embebida nas paredes de edificios mais modernos, em outros descobri-se; e existem grandes trechos magnificamente conservados.

Na *Historia do Exercito Portuguez*, do Sr. Christovão Ayres, 1, 434, se encontra uma descripção da muralha romana, seguida de uma carta com o titulo «Trecho da planta da cidade de Evora indicando a muralha romana», onde em linhas vermelhas se declara bem a periphéria, com suas torres e panos de muro.

Era uma coroa, tomando a parte mais elevada da grande collina, num circuito de 1:080 metros.

As gravuras agora publicadas representam um lanço da muralha no palacio dos Bastos (pateo de S. Miguel); voltado a nascente; e o arco de D. Isabel, porta da muralha romana; que olha para o norte.

No lanço representado na gravura vê-se o *grande aparelho* classico; fiadas regulares de pedras quasi iguaes, umas mostrando o lado maior, outras o menor, travando na parede.

O lado maior d'esses silhares attinge $1^m \times 0^m,6$. O menor, $0^m,6 \times 0^m,3$.

A gravura representa um pano de muralha e uma torre; a parte romana fôrma a base da construção como é facil de ver; sobre a obra romana ergueram na idade média e ainda no sec. XVI altas paredes mestras, do grande palacio onde tantos factos historicos se passaram nas alterações de 1637, no tempo de D. João IV!

Em todo o lanço, ao nascente, da muralha se repetem as torres, de base quadrada, perfeitamente marcadas, embora algumas se achem agora, e de ha muito, embebidas em edificios particulares, nas dependencias do palacio Cadaval e Loyos, por exemplo.

Num destes fragmentos da muralha, para o lado dos Loyos, conserva-se a ultima fiada de silharia, completa, formada de pedras de iguaes dimensões.

O arco de D. Isabel tem 4 metros de vão, sendo a volta semi-circular formada por 18 silhares; todo de granito.

Os arcos das portas de Beja tambem eram semi-circulares, tendo no semi-circulo 17 ou 18 pedras. Isto não admira porque os romanos em tudo tinham regras que respeitavam. Mas as portas de Beja, a insigne Pax-Julia, eram mais artisticas, como se vê dos desenhos que publiquei no *Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes* (Museu do Carmo), 3.^a serie, VII, n.º 2, e reproduzidos a p. 227 do vol. II, da *Historia do Exercito Portuguez*, do Sr. Christovão Ayres.

O arco de D. Isabel é muito sobrio, artisticamente, e está muito gasto pelo tempo.



A gravura representa o lado norte da porta; o plano em que está o homem do petróleo é já dentro da cêica velha.

Este arco está também representado na citada *Historia do Exército Portuguez*, a p. 435 do vol. 1.

Ora as duas gravuras completam-se: vê-se o soterramento das pilastras, e na nossa estampa mostra-se parte da construção com que



em tempos muito antigos reforçaram o arco. Digo isto porque a muralha perdeu toda a importancia militar na segunda parte do sec. XIV, quando se fez a *cêrca nova*. E, todavia, esse reforço deve ser muito mais moderno que o arco, porque quando o fizeram já as pilastras estavam mui soterradas. E o quanto está soterrado bem se avalia porque

as pilastras tem friso e cornija, á maneira de capitel, de simples trabalho, e agora mui gasto do tempo.

A gravura mostra, quanto possível, esses capiteis toscos e gastos pelos seculos, actualmente a pouco mais de metro de altura sobre o solo.

GABRIEL PEREIRA.

S. Jusenda

Um notavel silencio havia alli, naquelle cerro denominado S. Jusenda, situado na confluencia de uma pequena ribeira da margem esquerda do Tuella, termo do Valle de Prados, freguesia de Murias, concelho de Mirandella, de que dista, para norte, cêrca de 12 kilometros em projecção. Sentiamos só ao percorrer aquelles restos de muralhas e habitações, destroços enormes de um grande passado, o rugido suave e monotono das aguas d'aquelle rio precipitando-se de uma baixa prêsa, que nos semelhava um gemido prolongado, uma lamentação, os ultimos sons de uma elegia que ellas entoavam ao passar por aquellas ruinas, e aquellas quebradas repercutiam em echos successivos. Nem o grito de alguma ave, o zumbido de algum insecto, nem o sussurro das brisas passando através do mato curto do carrasco e da esteva que cobre toda esta elevação, nem, finalmente, o ramalhar do arvoredado que orla as margens do Tuella, que a limita pelo poente, e das da ribeira que lhe corre a sul, se ouvia quando contemplavamos este quadro de destruição, do silencio e da morte! Que ainda o tornava mais magestoso a vista de altissimos rochedos, alguns suspensos no espaço pelos robustos braços da annosa hera, que formam a estreita entrada da ribeira no rio, dando-lhes aspecto soturno e sombrio, que fazia lembrar o averno portico descripto pelo sublime mantuano.

Em S. Jusenda houve em tempos um grande povoado, que a tradição diz fôra a cidade de Mismil, capital dos mouros, um *oppidum* ou cidade murada, cabeça, talvez, de uma vasta região; séde, porventura, de uma raça ou de um grande povo, que por aqui habitou, legando-nos apenas ao desaparecer, como recordação da sua passagem, esses restos de muros, esses fragmentos de telha de rebordo, de cerâmica e de mós manuais, e ainda outros que jazem, sem dúvida, escondidos nesses escombros, onde é possível que um dia appareçam monumentos que nos digam do seu nome e da sua historia. É uma estação archaica, cujo estudo muito ha-de esclarecer os primeiros tempos peninsulares, pois que pelos vestigios que se divisam á superficie se depreheende

que fôra muito importante e tida em consideração, mais do que nenhuma das outras que por estes lugares se encontram, e que parecem ascender á mesma epocha.

A sua defesa natural reunida á artificial, constituida por fortes recintos de muralhas, de que em partes ainda se descobrem mais de quatro ordens de andares, deixam bem ver que esta estação satisfazia a todas as condições de um verdadeiro ponto tactico; que era uma d'essas posições militares melhor organizadas defensivamente, e que foi destinada a servir de forte baluarte difficilmente conquistavel, no tempo do emprêgo do pique, balista, ariete, catapulta, etc., que os legionarios romanos usavam nos combates e nos assedios.

Bragança, Junho de 1899.

ALMNO PEREIRA LOPO.

Noticias archeologicas do seculo XVIII

(Vid. *Arch. Port.*, v, 81)

m) *Inscrição romana em Perosello.*

«Lisboa 13 de Julho. — Na Igreja de S. Thomé de Perozelo nas visinhanças da Cidade de Braga se descobriu huma pedra antiga do tempo dos Romanos com esta inscripção:

C. AEMIL. VALENS. EQ. ALFL. IVR. M. ARI
MANL. VI. V. SI. M.

que o Lecenciado Joam de Araujo Costa, e Mello, grande antiquario, entende ser hum voto, que se cumpriu por *Cayo Emillio*, Capitão da guarda que foy do Emperador *Sergio Galba*, que podia ter a incumbencia da via militar, que passa de *Braga* por aquella Freguezia para *Orense*.

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 13 de Julho de 1741)

n) *Inscrições romanas no Alentejo.*

«Lisboa 20 de Setembro. — Duas legoas distante da Cidade de Beja junto da Igreja de Nossa Senhora da Graça de Baleisam, no sitio chamado de Torrejam, onde ainda se vem levantadas algumas paredes antigas, se descobriu ha pouco tempo huma pedra de tres palmos de comprimento, e dois e meyo de largo, a qual foi conduzida para a

Horta do Bacelo; e nella se lê em letras Romanas antigas a seguinte inscripção¹:

ANN. XXXIII.
G. BLOSSIUS SATUR
NINUS. GALERIA.
NAPOLITANUS AFER
ARENIENSIS INCoLA
BALSENSIS FILIAE
PIENTISSIMAE
H. S. E: S. T. T. L.

Acha-se esculpido em hum canto desta Pedra hum globo, e no outro hum jarro².

Descobrio-se tambem a quatro leguas da mesma Cidade, meya legua da Igreja Parroquial de Santa Brizida do Marmelar, na herdade da Casa branca, pertencente ao Morgado dos Rolins, outra Pedra Romana com a seguinte inscripção³:

D M S
MISINUS
PHANSTIANUS
VIXIT. ANN. XXXU.
MILFUS
SULPICIUS
PAT... VEND.
CUI... A. S. T.

Gneo Blossio Saturnino poz a primeira inscripção na sepultura de sua filha. A Missinio Phanstiano dedicou a segunda seu pay Milso Sulpicio. Ambos eram pessoas muy distintas daquelle tempo. Estas memorias devem os Antiquarios á grande indagação do R. P. Fr. Francisco de Oliveira, Religioso da Ordem dos Prégadores, residente no seu Convento da Villa de Montemor o novo⁴.

(Supplemento á Gazeta de Lisboa, de 20 de Setembro de 1742).

o) *Imagem esculpida num penedo.*

«Lisboa 11 de Dezembro.— Nas raizes de huma fraga, adjacente ao rio Vouga, nos confins do termo de Ferreira de Aves, Bispado de Vizeu,

¹ Corp. Inscr. Lat., II, 105.

² Isto é: patera e praefericulum.

³ Corp. Inscr. Lat., II, 97.

⁴ A cerca d'este investigador tencionamos brevemente publicar algumas cartas suas existentes no Archivo Nacional.

e huma legua distante de Nossa Senhora da *Lapa*, achou no terceiro Domingo do mez de Novembro do anno passado hum Joam Bautista da mesma Freguezia, esculpida de meyo relevo em hum pequeno penedo a Imagem de hum Santo Crucifixo de dous palmos e meyo de altura, toda coberta de musgo, e antiga,¹; porque logo no mesmo acto da sua invenção se vio a maravilha de livrar das quartans, que padecia, huma filha do mesmo inventor. Sendo innumeraveis as mais, que depois se tem visto, e infinito o numero das pessoas, que de varias partes do Reino concorrem com suas ofertas á sumptuosa Capella, que no mesmo sitio lhes edificou a devoção dos fieis, com dote, e rendimento annual para o seu Capellam. Em 14 de Fevereiro do anno presente se erigiram tres Vias Sacras nos tres caminhos que de novo se abriram para a mesma Capella; prégando neste acto, em que assistiram mais de 1500 pessoas, Rev. Doutor Agostinho Nunes de Sousa, Conego prebendado na Cathedral de Vizeu, e se tem estabelecido huma grande romagem a esta Santa Capella, denominada com o titulo de Capella do Senhor da Fraga».

(*Gazeta de Lisboa*, de 11 de Dezembro de 1742).

p) *Banhos antigos em Leiria.*

«*Lisboa 10 de Setembro.*—Na Cidade de *Leiria* nas margens do rio *Liz* da parte do Nacente brotam dous olhos de agua em tam pequena distancia hum do outro, que apenas haverá dous palmos; mas com tam diferente natureza, que hum he excessivamente frio, e o outro moderadamente tépido; o que deu motivo a conservar sempre entre os habitantes circumvisinhos o nome de Fonte quente. Com este fundamento, e o de se descobrirem naquelle sitio algumas ruínas, que dam indicio de ter havido alli banhos antigamente, entrou a curiosidade a indagar a natureza da agoa tépida, e se achou, que passa pelo mineral de vitriolo com alguma porção de pedra hume; etc.»².

(*Gazeta de Lisboa*, de 10 de Setembro de 1743).

q) *Inscrições romanas no Alentejo.*

«*Lisboa 30 de Janeiro.*—No dia 6 de Julho do anno passado de 1743, abrindo-se os alicerses para a nova Capella mór da Igreja, que se edifica para Nossa Senhora de *Ayres* no arcebispado de *Evora*, se

¹ Substituímos por pontos algumas considerações menos apropriadas, contidas na noticia.

² Não se torna necessario para o nosso fim a transcripção do resto da noticia.



descobrio hum túmulo, composto de adôbes no qual aberto se vio hum esqueleto de quatorze palmos de comprimento, e tres pequenas barras de hum metal desconhecido. Sobre o mesmo túmulo havia huma pedra de mais de cinco palmos de comprimento, e dous e meyo de largura, em que se lia esta inscripção¹:

HISLONENCAS SELSAS.
FLORENTIS. D. D.

Descobriram-se mais tres letreiros em outras tantas pedras: em huma de quatro palmos e meyo de comprimento com a forma de huma pequena pipa, porém maciça, se lia o seguinte²:

D. M. S.
MUSA VIXIT
ANN. LX. LIVIA
LIBERATOS ET
H. S. E. S. T. T. L.

Na segunda pedra, que tem mais de cinco palmos de comprimento, e a mesma semelhança, se vê o seguinte³:

D. M. S.
DIGNITAS
VIXIT ANN.
XXV. CRYSEROS
MARITUS POSUIT
HSE. S. T. T. L.

Na terceira pedra, que tem o mesmo comprimento, e figura, ha este letreiro⁴:

D M S
PERENIA MAK
POS. QUAE
MOR. XXXV.

Outras memorias do tempo dos Romanos se tem descoberto no mesmo sitio, de que se dará noticia em outra occasiam.

(Supplemento á *Gazeta de Lisboa*, de 30 de Janeiro de 1744).

¹ *Corp. Inscr. Lat.*, II, 92.

² *Ibid.*, II, 90.

³ *Ibid.*, II, 87.

Ibid., II, 91.

c) *Moedas romanas achadas em Braga.*

«*Lisboa 7 de Julho.*—No territorio da Cidade de *Braga* se descobriram perto de trezentas moedas de ouro do tamanho de hum tostam portuguez com o pezo de duas oitavas cada huma, que segundo a asseveraçam dos ourives tocam 24 quilâtes, e todas tam bem conservadas, como se agora sabissem do cñho, no qual se admira a ultima perfeiçam Romana. Sam de varios Imperadores antigos, como *Néro, Galba, Vitelio, Vespasiano, Tito, Domiciano, Nerca, Trajano, Adriano, Antonino Pio, Marco Aurelio*, e tambem de *Lucio Vero, Faustina, e Plautino*; muitas dobradas destes mesmos Imperadores, e com diversas emprezas no reverso. Logo hum negociante Inglez comprou no *Porto* a hum ourives de *Braga* duzentas que mandou para *Inglaterra* a engrandecer os Museus dos curiosos daquelle Naçam»¹.

(*Gazeta de Lisboa*, de 7 de Julho de 1744).

e) *A cidade da Concordia ao pé de Torres Novas.*

«*Lisboa 16 de Abril.*—No sitio das *Baralhas*, limite do lugar das *Lapas*, entre esta povoaçam, e a vila de *Torres-novas*, andando huns trabalhadores cavando huma terra para meter bacêlo, se descobriram muitas moédas de metal com as effigies dos Imperadores *Honorio, e Theodosio*; e continuando na cava se descobriram canos, que mostravam ser de algum aqueducto, e muitos cunhaes de pedra lavrada; e finalmente se desenterraram 60 carradas de pedra, que haviam servido em hum edificio antigo, de que infere *Francisco Xavier de Azevedo Vasconcellos*, pessoa nobre da vila de *Torres-novas*, e das mais curiosas, e antiquarias da comarca de *Santarém* (que nos participou esta noticia com algumas das moédas que se acháram) haver estado naquelle sitio a cidade da *Concordia*, que foy uma das Colónias, que os antigos Romanos tinham na *Lusitania*»².

(*Gazeta de Lisboa*, de 16 de Abril de 1748, n.º 16).

f) *Moedas romanas achadas em Braga e em S. Martinho de Sande.*

«*Lisboa 27 de Junho.*—No mez de Mayo ultimamente passado descobriu hum lavrador, chamado *João Ferreira*, morador junto ao antigo Mosteiro de *S. Martinho de Sande*, situado légua e meya da Cidade de *Braga*, e outra de distancia da Vila de *Guimaraens*, enterrada debaixo de hum penêdo huma pauêla já quebrada (talvêz com a mesma enchada,

¹ Segundo a lei de 1721 a camara de Bruga devia tê-las adquirido. Depressa caiu no esquecimento aquella lei destinada apenas a ostentação real.

² Esta opinião precisa de maior fundamento.

ou pela violencia do movimento) na qual havia 360 moédas de prata de dons cunhos differentes, e humas de menos liga, que as outras, todas do Senhor Rey Dom Joam, o primeiro. Estas ultimas parecem anteriores ás primeiras. Tem de huma parte o nome de *Johanes* em abreviaçam, e da outra o escudo Real assentado sobre a Cruz da Ordem de Avis: deixando visiveis as lizes, que lhe servem de remate. As mais finas tem de huma banda a mesma abreviaçam do nome, coroado, e da outra o escudo Real em que se vem os cinco escudetes póstos em Cruz, e em cada hum dos vaõs hum Castélo.

Tambem junto ao Convento dos Religiosos Capuchos de *S. Frutuoso*, hum quarto de légua de Braga, appareceu há pouco tempo huma boa quantidade de moédas Romanas de cóbre, do tamanho de meyos tostoës, e vintens, com a efigie do Imperador Constantino o Magno.

(Supplemento á *Gazeta de Lisboa*, de 27 de Junho de 1748, n.º 26).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Medalha commemorativa do 4.º centenario do descobrimento do Brasil

(Offerecida e dedicada ao povo luso-brasilense)

Para commemorar o descobrimento do Brasil teve o sr. Julio Meili, de Zürich, a feliz ideia de mandar cunhar uma medalha especial, de que se dá na figura junta uma gravura. Eis a sua descripção:



PEDRO ALVARES CABRAL DESCOBRIDOR DO BRASIL.
Busto de Pedro Alvares barbado, a olhar de frente, embora um pouco

voltado á direita. O grande guerreiro veste armadura, tem capacete na cabeça, e com a mão direita toca nos copos da espada. Do hombro esquerdo cae-lhe o manto que lhe passa de baixo do braço direito. Nas pregas do manto lê-se o nome do gravador suíço: HANS FRIE BÄLE.

B. PORTO SEGVRO DA ILHA DA VERACRUZ 3 DE MAYO.

No campo: o brasão de armas português do seculo XVI entre estas datas, que estão sobre traços horizontaes: 1500, 1900. Em cima: á direita, o brasão do reino unido de Portugal, Brasil e Algarve, com a data de 1816 superiormente á coroa; á esquerda, o brasão do Brasil com a data de 1822 tambem sobre a coroa; ao meio, o brasão da republica brasileira com a data de 1889 na parte superior. Junto da orla da moeda, em symetria com a primeira legenda: AO POVO LUSO-BRAZILEIRO numa fita, em cujo extremo se lê O. e. D (á esquerda) Jul. Meili (á direita).

Os exemplares são, uns de prata, outros de bronze, o que se indica no bordo com um letreiro.

Esta medalha está excellentemente gravada, e representa uma brilhante homenagem prestada pelo sr. Julio Meili a Portugal e Brasil.

O objecto em si não é archeologico, e por isso parece que não devia nesta revista consagrar-se-lhe um artigo; todavia, como o facto que elle commemora constitue um dos mais notaveis da nossa historia, não duvidei fazer o presente artigo, tanto mais que tenho toda a satisfação em contribuir para que mais uma vez *O Archeologo* se honre, inserindo nas suas columnas o nome do illustre numismata de Zürich.

Com effeito, alem do artigo que os leitores já conhecem sobre os «Contos para contar»¹, o sr. Julio Meili tem publicado valiosos volumes sobre numismatica luso-brasileira², e possui uma importante collecção portugueza de moedas, medalhas e contos, na sua casa em Zürich, onde tive o gosto de a ver em meados de Setembro de 1899, travando eu por essa occasião relações pessoais com o sr. Meili, que me tornou o mais agradável e util possível a minha estada em Zürich, pela affabilidade do seu trato, pela faculdade que me deu de compulsar a sua escolhida bibliotheca numismatica, e por me apresentar a alguns seus

¹ Vid. *O Arch. Port.*, v, 54 sqq.

² Na Bibliotheca Nacional de Lisboa ha os seguintes:

Portugiesische Münzen, — Varietäten und einige unedirte Stücke, 1890;

Die Münzen des Kaiserreichs Brasilien, — 1882 bis 1889, 1890;

Die auf das Kaiserreich Brasilien bezüglichen Medaillen, 1890;

Das Brasilianische Geldwesen, I Theil, 1897.

Todos elles providos de bellas estampas.

amigos, entre os quaes o nosso consul naquella cidade, o sr. Falkeisen, que me acompanhou nas visitas ao Museu Archeologico, e o sr. Prof. Stükelberg, com quem realizei uma excursão archeologica nas margens do lago de Zürich e visitei alguns museus e bibliothecas da cidade, o qual, apesar de ainda ser moço, é já autor de monographias sobre archeologia, numismatica, e ethnographia, todas ellas escritas com aquella erudição e firmeza de methodo que caracterizam a sciencia moderna.

J. L. DE V.

Archeologia do concelho da Figueira

Na Pedrulha (Alhadas de Baixo), onde já em tempos se assignalaram vestigios romanos, e onde foi encontrado um busto romano, que se acha depositado no Museu Municipal da Figueira e pertencente ao Sr. J. da Silva Fonseca (que tambem possui uma moeda romana de Constantino II, alli encontrada) foram, pelos trabalhos agricolas, postas a descoberto as ruinas da povoação, encontrando-se bastantes restos de envasamento de paredes, muitos tijolos, telhas e telhões e alguns fragmentos de objectos de bronze (*fibulas*), um alfinete de ferro, ossos humanos, restos de ceramica, tanto indigena como romana, e uma importante inscripção, em pedra, que é o primeiro achado d'este genero no concelho, e que parece ter estreitas relações com o busto acima indicado; a inscripção diz: CALAITO CAIELI - HI - SITO -

Graças á amabilidade do dono do terreno, pôde a Sociedade Archeologica da Figueira recolher os melhores exemplares, que deram entrada no Museu Municipal, onde se acha já a sua collecção.

Foram feitas sondagens num terreno contiguo, os quaes provaram que a area da referida povoação romana se estende por outros terrenos juntos, onde uma exploração methodica daria, talvez, bons resultados.

A 2 kilometros de Brenha, pela orla da planicie que se estende ao norte da Serra (Arieiras), descobriu a Sociedade Archeologica da Figueira uma estação lusitana, da epocha romana, tendo as explorações posto a descoberto os alicerces de um edificio com mais de 12 metros de comprimento. No pavimento foram encontrados muitos fragmentos de louça lusitana, trabalhada á mão, alguma louça romana, muitos fragmentos de *tegula*, *imbrex* e *later*, entre elles um typo de tijolo desconhecido nas estações até ao presente conhecidas e exploradas na região.

Tambem se encontraram alguns objectos de ferro e bastantes es-
corias do mesmo metal.

No sítio dos *Chões*, fronteiro ao local da estação a cima designada,
fez a Sociedade mais algumas explorações, que deram muitos restos
de ceramica lusitana e romana.

Na Junqueira, proximo da grande estação humana da Varzea de
Lyrio (Brenha), explorada com tão magnificos resultados pelo illustre
archeologo Dr. Santos Rocha, descobriram-se ha pouco bastantes fra-
gmentos de louça neolithica, uns lisos e outros com ornamentações
interessantes, e inteiramente diversos dos encontrados nesta região.
A Sociedade Archeologica intenta fazer, em breve, uma exploração
methodica no mencionado local.

A Sociedade Archeologica adquiriu, por compra o dolmen dos Car-
niçosos, a 2 kilometros de Brenha, e que é o mais bem conservado
dos monumentos d'esta grande necropole.

Vae mandá-lo vedar por um muro, a fim de evitar que os leitores
do livro de S. Cypriano o vão damnificar mais.

Figueira da Foz, Março 1899.

P. BELCHIOR DA CRUZ.

Congresso de historia das religiões

Alem do Congresso de Numismatica que vae celebrar-se em Paris
por occasião da exposição, e de que *O Archeologo* já deu noticia, cele-
brar-se-hão ainda outros. Por agora mencionarei o de historia das re-
ligiões, cujo programma, que recebi, aqui transcrevo na integra:

Programme

«Conformément à l'article 8 du Règlement, la Commission d'organisation a
l'honneur de proposer aux membres du Congrès un certain nombre de questions
qui, dans chaque Section, lui paraissent particulièrement utiles à étudier et de
nature à provoquer des rapports. Ce programme n'est ni exclusif, ni limitatif.
Les communications sur des sujets qui n'y sont pas portés seront admises égale-
ment sous les conditions énoncées à l'article 9 du Règlement.

Dans l'intérêt même de la bonne tenue du Congrès, la Commission recommande expressément aux Congressistes de réduire aux proportions les plus succinctes les communications destinées à être lues en séance de section.

SECTION I

RELIGIONS DES NON-CIVILISÉS. — RELIGIONS DES CIVILISATIONS AMÉRICAINES PRÉCOLOMBIENNES

- A. 1° Le totémisme.
- 2° Les fonctions du sacrifice.
- 3° Condition des âmes après la mort.
- B. 1° Tableau des fêtes mobiles dans l'Amérique centrale précolombienne, notamment chez les Mayas.
- 2° Représentations figurées des divinités mexicaines et des divinités de l'Amérique centrale, principalement d'après les Codices et les monuments.

SECTION II

HISTOIRE DES RELIGIONS DE L'EXTRÊME-ORIENT

(Chine, Japon, Indo-Chine; Mongols, Flannés)

- 1° Les rapports des religions avec l'État en Chine (religions d'État; politique du gouvernement à l'égard du Bouddhisme, du Taoïsme, de l'Islamisme et du Christianisme).
- 2° La morale de Tchoang-tse.
- 3° Évolution historique du Bouddhisme en Chine, en Corée et au Japon (propagation; écoles diverses; relations avec la société civile; état actuel).
- 4° Organisation, doctrines et rituel des sectes bouddhistes actuelles au Japon.
- 5° Répartition du Bouddhisme pâli et du Bouddhisme chinois dans l'Indo-Chine.

SECTION III

HISTOIRE DES RELIGIONS DE L'ÉGYPTE

- 1° Les rites des funérailles aux époques dites thinites, tels qu'on les connaît par les découvertes les plus récentes (Petrie, Amélineau, Morgan). Les différences qu'ils présentent avec les rites de l'époque postérieure et ce qui se rapporte à leur pratique dans les écrits funéraires connus jusqu'à présent (Livre des morts; Textes des Pyramides; Livre de l'Hadès; Rituel de l'embaumement).
- 2° Le dieu Ptah de Memphis. Son caractère premier; son développement théologique et politique; ses rapports avec les dieux Sokaris, Osiris, Nophirtoumon, Imhotep, Sokhit; ce qu'il est au bœuf Apis; comment et pourquoi les Grecs l'identifièrent avec leur Hephaestos.
- 3° Les cultes et les religions populaires de l'Égypte, plus spécialement ceux de Thèbes. Les dieux animaux, les dieux oiseaux (Thirondelle, l'oie, le héron, etc.); les dieux serpents (Ramsaït, Maritsokhou). Les ex-voto

après guérison ou bienfait reçu; les amulettes contre les serpents, contre les crocodiles, contre le mauvais œil.

- 4° Pourquoi le dieu Khnoumou, surtout celui d'Éléphantine, devint populaire à la basse époque et comment sa personne et son culte se répandirent dans la période romaine pour former le Khnouphis-Kneph des sectes gnostiques et des écrits hermétiques ou magiques.

SECTION IV

HISTOIRE DES RELIGIONS DITES SÉMITIQUES

I. Assyro-Chaldée, Asie antérieure. — II. Judaïsme; Islamisme.

- A. 1° Comment concilier la croyance à l'éternité du monde chez les Chaldéens avec les données sur la création du ciel, de la terre, des dieux et des astres? Quelles étaient au juste les idées sur l'abîme primordial et le chaos enfantant l'univers? Quelle était la relation de ces croyances avec la tradition juive d'un dieu créateur sans commencement?
- 2° Quelles étaient les conceptions chaldéennes sur la fin de l'univers existant?
- 3° Quelles étaient les divinités primitivement sumériennes et quelles étaient celles qui ont été assimilées aux divinités sémitiques, par un procédé analogue à celui qui a été employé dans l'assimilation des dieux italiens avec les dieux grecs?
- 4° Existait-il en Chaldée une croyance à la survivance de l'âme après la mort et à sa préexistence avant la naissance?
- B. 1° Le totémisme dans le paganisme arabe.
- 2° Les dieux du Yémen d'après les inscriptions sabéennes et himyarites. Équivalences des objets et des phénomènes naturels. Histoire des croyances et du culte.
- C. 1° De la contribution que les découvertes de l'archéologie et de l'épigraphie sémitiques apportent à la connaissance de la religion du peuple d'Israël pour les périodes antérieures à Esdras et à Néhémie.
- 2° Indiquer et décrire, d'après les sources bibliques et profanes et les monuments épigraphiques, les sanctuaires, tombeaux, lieux de culte et de pèlerinage en Palestine et dans les régions voisines (Syrie, Phénicie, Idumée, Péninsule sinaïtique).
- 3° Réaction du Christianisme sur le Judaïsme.
- 4° Valeur documentaire du Talmud et de ses annexes pour l'histoire des idées religieuses et des rites chez les Juifs et pour l'histoire du Christianisme naissant.
- D. 1° Influence exercée par la Perse vaincue sur l'Islamisme vainqueur: le Chiisme. — Développement du Chiisme officiel sous la dynastie persane des Cafawis; ses rapports avec les sectes antérieures, notamment celle des Imamiens.
- 2° Quelles influences religieuses ont fait passer le khalifat des Omeyyades aux Abbassides?
- 3° Les origines du Soufisme. Ce qu'il doit au néoplatonisme. La vie monacale des Soufis dans l'Islamisme.
- 4° La légende d'Alexandre le Grand chez les Arabes.
- 5° Doctrines et action politique des Ismaéliens.

- 6° Les origines du Bâbisme. Ses livres saints, ses variations après la mort du Bâb.
- 7° Les associations musulmanes actuelles dans l'Afrique du Nord. Histoire et géographie de la propagande musulmane en Afrique.

SECTION V

HISTOIRE DES RELIGIONS DE L'INDE ET DE L'IRAN

- A. 1° La théorie qu'on est convenu d'appeler «naturisme» trouve-t-elle sa justification dans les données des hymnes védiques?
- 2° La liturgie des Brahmanas et des Sutras correspondants peut-elle être considérée, dans ses traits principaux, comme antérieure ou postérieure aux hymnes du Rig-Vêda?
- 3° Déterminer les rapports des Écritures bouddhiques du Nord (sanskrit, chinois, tibétain) avec les ouvrages correspondants en langue pâli.
- 4° Origines et histoire de l'iconographie religieuse dans l'Inde.
- 5° Le culte des ancêtres dans l'Hindouisme.
- 6° L'institution des pèlerinages dans l'Hindouisme.
- B. 1° Chercher à préciser les rapports qu'il y a entre la religion des Perses au temps des Achéménides et le culte avestique adopté par les Sassanides.
- 2° Préciser par la critique des textes quelles sont les parties les plus anciennes des Gâthâs et de l'Avesta pouvant être considérées comme remontant aux époques antérieures à l'empire sassanide.

SECTION VI

HISTOIRE DES RELIGIONS DE LA GRÈCE ET DE ROMÉ

- 1° Quels sont les procédés méthodiques les plus sûrs à appliquer à l'étude de l'histoire des religions grecques?
- 2° Les poèmes homériques comme sources de mythes, de légendes et de cultes.
- 3° Le culte d'Apollon à Delphes.
- 4° Contributions des récentes découvertes archéologiques à la connaissance de la religion étrusque.
- 5° Diffusion des cultes païens d'Orient dans les provinces occidentales et septentrionales de l'empire romain (Afrique, Hispanie, Gaule, Bretagne, pays rhénans et danubiens).
- 6° De la survivance et de l'adaptation des mythes, rites, traditions et lieux de culte du paganisme italique et grec dans les usages et lieux de culte actuels de l'Italie et de la Grèce.

SECTION VII

RELIGIONS DES GERMAINS, DES CELTES ET DES SLAVES. — ARCHÉOLOGIE PRÉHISTORIQUE DE L'EUROPE

- 1° L'eschatologie celtique.
- 2° Origines de l'Église celtique en Irlande, en Écosse, dans le pays de Galles et en Gaule.

- 3° La combinaison d'éléments mythiques, historiques et poétiques dans les légendes héroïques des Germains, à étudier dans une légende en particulier.
- 4° De l'origine des principales divinités germaniques: Wodan, Donner, Tia, etc. Proviennent-elles du panthéon indo-germanique ou sont-elles le développement de démons de la nature?
- 5° Du caractère originel ou dérivé des principaux mythes de l'Edda.
- 6° Le dieu de la foudre chez les peuples germaniques et slaves.
- 7° Quels sont, dans l'Allemagne du Nord, les monuments encore existants du paganisme slave?
- 8° Quelles indications peuvent fournir les noms de lieu dans l'Allemagne du Nord pour l'étude du paganisme slave?

SECTION VIII

HISTOIRE DU CHRISTIANISME

- A. **Les premiers siècles:** 1° L'essénisme peut-il être considéré comme un des facteurs du Christianisme originel?
- 2° Quelle contribution à la connaissance de l'évolution des idées et des rites du Christianisme primitif ont pu apporter les nouveaux textes chrétiens découverts depuis trente ans environ?
- 3° Quelle est la part des antécédents grecs et celle des antécédents juifs dans l'élaboration de l'ancienne eschatologie chrétienne?
- 4° Quelle est aujourd'hui notre connaissance positive des origines et de l'histoire du gnosticisme?
- 5° Est-il possible de concilier l'exposé du système de Basilide d'après Irénée et l'exposé parallèle d'Hippolyte?
- B. **Le moyen âge:** 1° Les sources antiques (grecques, latines, arabes, jaïves et byzantines) auxquelles ont puisé le plus les théologiens de l'Occident au moyen âge.
- 2° Des rapports de Byzance avec la Russie païenne au ix^e siècle et en particulier de la fondation des premières églises chrétiennes en Russie.
- C. **Temps modernes:** L'influence de la philosophie de Kant et de celle de Hegel sur la critique historique appliquée aux origines du Christianisme.

Este congresso é da iniciativa dos professores da Escola Pratica dos Estudos Superiores de Paris. Realizar-se-ha desde o dia 3 ao dia 9 de Setembro de 1900. O seu caracter é rigorosamente historico.

Para melhor esclarecimento dos leitores, transcrevo tambem o

Règlement

«Art. 1^{er}. Le Congrès d'histoire des religions se réunira à Paris, le lundi 3 septembre 1900. Il durera une semaine.

Art. 2. Les séances d'ouverture et de clôture auront lieu au Palais des Congrès à l'Exposition. Les autres séances se tiendront à la Sorbonne.

Art. 3. *Les travaux du Congrès comporteront des séances générales et des séances de sections.*

Art. 4. *Les sections seront au nombre de huit, qui pourront, suivant les circonstances, être groupées ou subdivisées en sous-sections, savoir:*

- I. Religions des non-civilisés. — Religions des civilisations américaines précolombiennes.
- II. Histoire des religions de l'Extrême-Orient (Chine, Japon, Indo-Chine, Mongols, Finnois).
- III. Histoire des religions de l'Égypte.
- IV. Histoire des religions dites sémitiques: A. Assyro-Chaldee, Asie antérieure; B. Judaïsme, Islamisme.
- V. Histoire des religions de l'Inde et de l'Iran.
- VI. Histoire des religions de la Grèce et de Rome.
- VII. Religions des Germains, des Celtes et des Slaves. — Archéologie préhistorique de l'Europe.
- VIII. Histoire du Christianisme. (A sous-sectionner en: Histoire des premiers siècles, du moyen âge et des temps modernes).

Art. 5. *Les déclarations d'adhésion au Congrès devront être adressées aux Secrétaires à la Sorbonne.*

Art. 6. *La souscription est fixée à un minimum de dix francs.*

Les adhérents au Congrès recevront gratuitement les comptes rendus imprimés des séances et les publications qui pourront être faites par le Congrès.

Art. 7. *Les travaux et les discussions du Congrès auront essentiellement un caractère historique. Les polémiques d'ordre confessionnel ou dogmatique sont interdites.*

Art. 8. *Un programme de questions relatives à chaque Section sera distribué à l'avance aux adhérents du Congrès pour servir de base aux discussions, sans préjudice des communications libres.*

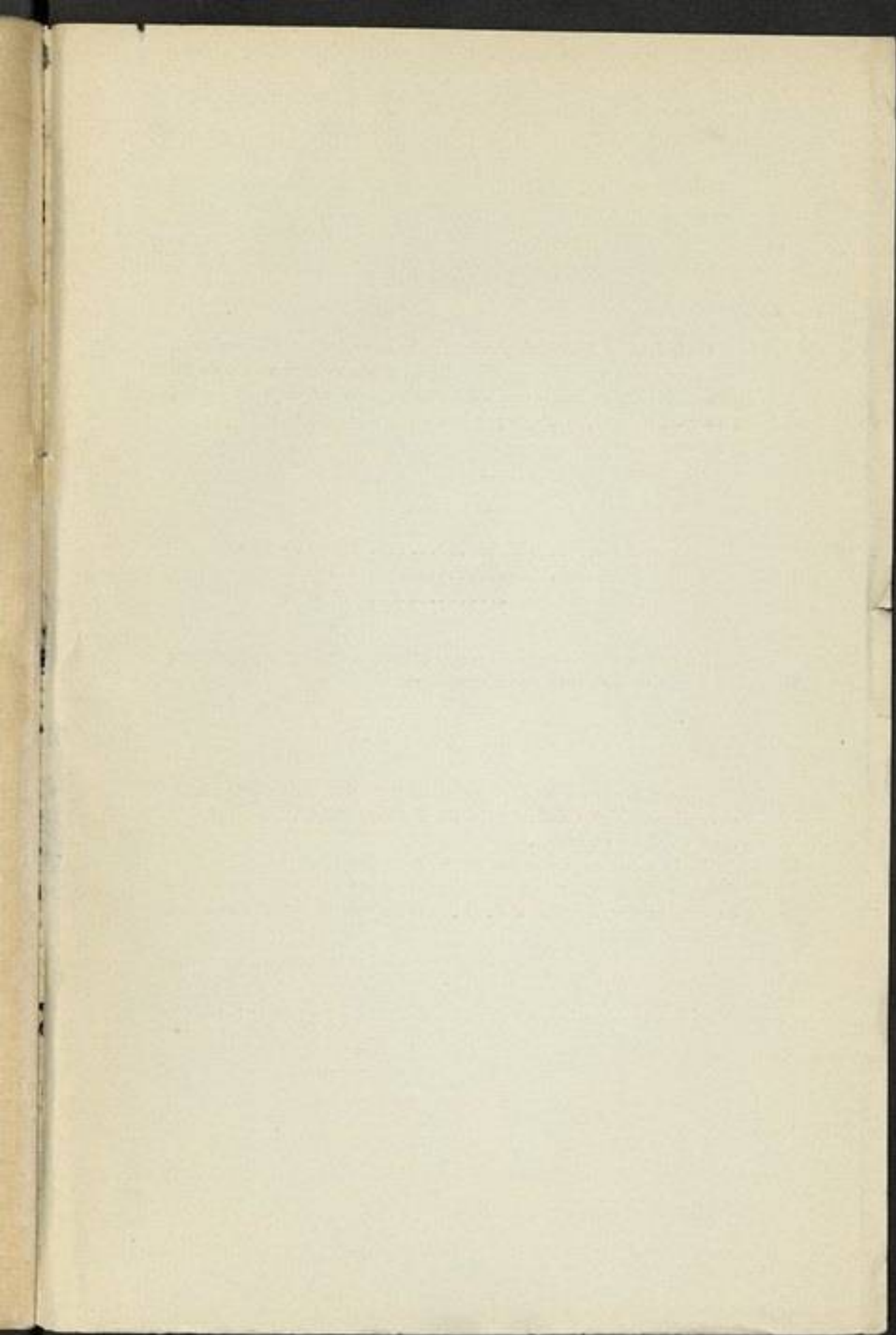
Art. 9. *Toutes les communications destinées au Congrès devront être envoyées aux Secrétaires avant le 1^{er} juillet 1900. Elles devront être écrites en caractères latins.*

Art. 10. *Dans les communications et dans les discussions seront admises, en dehors du français, les langues latine, allemande, anglaise et italienne.*

A importância da subscrição deverá ser dirigida ao Sr. Philippe Berger, quai Voltaire 3, Paris. As adesões deverão ser dirigidas aos Srs. Jean Réville ou Léon Marillier, — professores à l'École des Hautes Études, à la Sorbonne, Paris.

Tendo eu recebido dos Srs. A. Réville, J. Réville et L. Marillier um convite especial para ser membro correspondente d'este Congresso, cumpro-me nessa qualidade, e por entender que presto serviço ao público, tornar conhecida dos leitores d'O Archeologo a natureza d'este Congresso, com o qual de certo advirão alguns frutos á Sciencia.

J. L. DE V.



EXPEDIENTE

O *Archeologo Português* publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterà menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno.....	16500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a J. Leite de Vasconcellos, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a J. A. Dias Coelho, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.